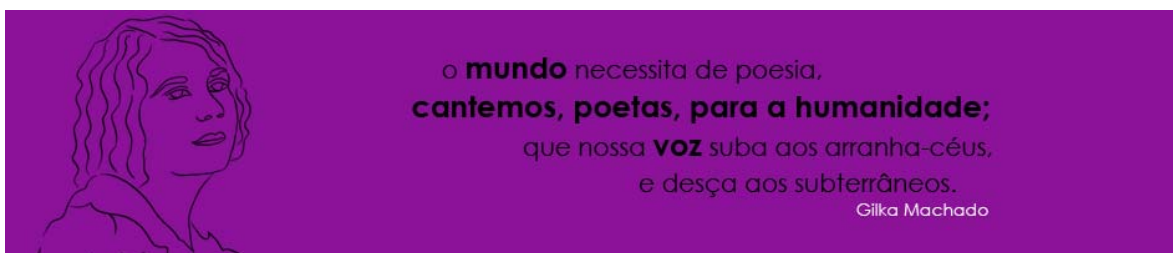


GRUPO DE ESTUDOS FEMINISTAS
GILKA MACHADO

Educação para a Igualdade de Gêneros

2011



Nós, as Mulheres!

Gilka Machado foi uma poetisa carioca que lançou seu primeiro livro, *Cristais Partidos*, em 1915, época de dolorosas e profundas repressões patriarcais. Como se não bastasse ousar escrever poesia num cenário dominado pelo discurso masculino, essa mulher brilhante expôs sua carne e sua identidade em seus poemas, combatendo ferozmente os ditames sexistas.

Foi criticada duramente, humilhada e relegada ao esquecimento literário. Mas o que mais chamou a atenção no percurso de seus onze livros publicados foi a perseverança de uma mulher que não se submeteu aos padrões impostos pela sociedade machista. Cantou alto seu hino: *Ser mulher, e, oh! atroz, tentálica tristeza! / ficar na vida qual uma águia inerte, presa / nos pesados grilhões dos preceitos sociais!*

Verso após verso, uma luta diária e persistente em nome do amor e da igualdade!

Essa mulher guerreira e corajosa nos inspirou para criarmos nosso próprio grupo de estudos feministas na escola municipal **Antenor Nascentes**, em São Paulo.

A escola, espaço de mudança por excelência – e também, ferramenta de perpetuação das deficiências sociais –, deve cumprir o seu papel de pioneira na luta pelo justo acesso de todos à sociedade e na construção de um projeto de igualdade de gênero: formar mulheres inteligentes, conscientes do meio em que vivem, fortes e capazes para alterar uma mentalidade profundamente patriarcal e machista, seguras e determinadas – marchando, até que todas nós sejamos livres.

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.*

Adélia Prado

Tema:

Educação para a Igualdade de Gêneros
“Grupo de Estudos Feministas Gilka Machado”

Professora coordenadora:

Juliana Delmonte da Silva

Turmas envolvidas:

7º e 8º séries

Justificativa:

Historicamente, a mulher sempre desempenhou papéis de baixa relevância social. A partir do final do século XIX, uniram-se para conquistar o direito de votar e estudar. De 1900 até hoje, muita coisa mudou - para melhor e para pior. A mulher tem acesso à educação, mas os espaços educacionais continuam voltados para o desenvolvimento masculino. Apesar de estar presente no mercado de trabalho há alguns pares de anos, a mulher continua ganhando 30% a menos do que o homem, mesmo quando desempenha as mesmas funções.

Segundo dados levantados em 2009, a cada 15 segundos uma mulher é brutalmente espancada pelo marido, namorado, companheiro, etc. São 10 mortes por dia. Informações alarmantes que nos indicam que é necessária a mudança. Portanto, com base nessas estatísticas e devido a milhares de outras situações sexistas vivenciadas diariamente, a educação feminista por uma sociedade igualitária visa esclarecer pequenas e grandes mentiras acerca da suposta igualdade entre os gêneros.

A proposta educacional da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo contempla diversos tópicos acerca da busca pela inclusão de “minorias”, inclusive enfatizando o resgate histórico de grande parcela da sociedade, excluída do currículo escolar – e da sociedade, em geral –, como a comunidade negra e afro-descendente, as mulheres, indígenas, etc. Mas para que isso ocorra, é de suma importância dar-lhes voz: um caminho para a verdadeira emancipação.

Em consonância com os parâmetros curriculares municipais e com o PEA da Unidade Escolar, a montagem de um grupo de estudos feministas no espaço escolar articula com os ideais de igualdade e cidadania propostos. Além do mais, o tema pode ser trabalhado transversalmente em diversas áreas do conhecimento: em português, o estudo de todo tipo de gênero literário; em história, a reflexão sobre os acontecimentos que marcaram a trajetória do ser humano e determina comportamentos atuais; em educação artística, a contemplação de obras de arte produzidas como atividade redentora, etc.

A educação feminista pela igualdade encontra reforço nas palavras de Daniela Auad, doutora em Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Segundo a especialista:

Os padrões tradicionais e polarizados acerca do masculino e do feminino e, conseqüentemente, acerca de mulheres, meninos, meninas e homens estão presentes em nossa sociedade e, portanto, encontram-se ainda em ação na escola. De todo modo, é possível notar, concomitantemente,

recusas às relações de gênero desiguais nas práticas cotidianas de meninas, meninos, professoras, professores, coordenadores, diretoras e inspetores. Essas potentes recusas, ao longo do tempo, podem colaborar no sentido de não mais existirem divisões motivadas pelas desiguais noções de masculino e de feminino. As fronteiras de gênero seriam, assim, cruzadas, na escola e fora dela.

Ainda acerca da necessidade de que haja uma educação realmente igualitária entre os gêneros, a mesma escritora esclarece:

[...] a co-educação como política pública se descortina como uma tarefa conjunta do Estado, das cidadãs e cidadãos, nas variadas instâncias de exercício da cidadania ativa. A construção dessa educação, na qual o masculino e o feminino tem igual valor social, poderá ainda colaborar para o aprofundamento da interface entre a Universidade e os Movimentos Sociais, que terão oportunidade de encontro, debate e celebração.

A educação de qualidade transcende os muros da escola. Um bom exemplo disso é o caso da aluna Wisla do oitavo ano. Após ter recebido esclarecimentos sobre a violência doméstica e munida de um panfleto feminista, repassou o que recebeu na escola para sua tia Maria, que sofria agressão por parte de seu companheiro. Maria denunciou o marido e livrou-se de uma situação inadmissível para qualquer ser humano.

A escola, espaço de mudança por excelência - e também, ferramenta de perpetuação das deficiências sociais -, deve cumprir o seu papel de pioneira na luta pelo justo acesso de todos à sociedade e na construção de um projeto de igualdade de gênero: formar mulheres inteligentes, conscientes do meio em que vivem, fortes e capazes para alterar uma mentalidade profundamente patriarcal e machista, seguras e determinadas - marchando, até que todas nós sejamos livres.

Objetivos:

1. Definir o papel que a mulher desempenhou na História, apontando como sua identidade, subjetividade e construção sócio-econômica determinou paradigmas de comportamento absorvidos até os dias atuais;
2. Discutir como a mídia constrói a imagem feminina pautada nos ideais de beleza, sensibilidade e resignação e como estes estereótipos interferem negativamente na plena realização e desenvolvimento feminino;
3. Apontar os avanços e retrocessos para a emancipação da mulher - pontuando a importância do exercício da cidadania como ferramenta para a efetiva mudança social;
4. Ilustrar o conhecimento adquirido por meio de filmes, músicas, artigos científicos, reportagens, entrevistas, poesias, leituras compartilhadas, etc. e como essas informações se articulam com a vivência pessoal de cada participante e com a comunidade em que estão inseridas;
5. Analisar a questão da violência doméstica de maneira e elucidar a origem desse tipo de agressão, causas e consequências para o indivíduo e para a sociedade. Além do mais, estudar os mecanismos de proteção e defesa que podem ser acionados; por exemplo, a Lei Maria da Penha;
6. Valorizar o comprometimento dessas meninas com a construção de uma sociedade justa e igualitária, promovendo a construção da auto-estima, confiança e segurança diante dos obstáculos, e consequente contribuição para a eliminação de qualquer tipo de violência, desde o racismo à misoginia;
7. Estimular o empoderamento dessas futuras mulheres-adultas para que elas ocupem de maneira verdadeiramente igualitária espaços públicos, artísticos, econômicos e sociais e de cargos de chefia.

Desenvolvimento:

O projeto desenvolverá semanalmente assuntos referentes à condição e mobilidade da mulher na sociedade, oportunidades e exclusões, contexto histórico e social e temas cotidianos:

- Contos de fadas;
- Papel emancipatório e revolucionário dos escritos femininos;
- Linguagem machista;
- A mulher negra;
- A mulher e as religiões;
- Hábitos culturais *versus* características biológicas;
- Casamento e maternidade;
- A escola mista e a escola da co-educação;
- Resgate da bagagem cultural e científica produzida por mulheres;
- A busca inalcançável pela beleza perfeita;
- Violência doméstica;
- A mulher na política;
- Motivações femininas *versus* motivações masculinas;
- O corpo feminino e suas sutilezas;
- O movimento feminista;
- Mulheres E homens vítimas de preconceito;
- O silenciamento da fala feminina;
- A mulher na Literatura;
- Desigualdade social e machismo;
- Inferiorização da mulher por meio de músicas, novelas, etc.

Produto final:

1. BLOG
Criação de um blog onde estarão disponíveis as discussões do grupo, informações extras, resultados de pesquisas e debates, materiais produzidos, etc.
www.gilkamachado.wordpress.com
2. Cartazes, folhetos e palestras
Desenvolvimento de cartazes explicativos, folhetos de conteúdo informativo e palestras ministradas pelos próprios participantes do grupo para os outros alunos.
3. Documentário
Produção de um vídeo documentário abarcando os temas da violência doméstica, identidade feminina, pesquisas realizadas, entrevistas e depoimentos para ser apresentado na Feira Cultural da escola.
4. Portifólio
Confecção de um livro-diário contendo todos os passos e desenvolvimentos do projeto.

PLANEJAMENTO DE REUNIÕES – 1º SEMESTRE 2011

- 05/04** – Apresentação
12/04 – Estudo de contos de fadas
19/04 – Estudo da linguagem sexista
26/04 – Oficina de colagem
03/05 – Mulher e Mídia
10/05 – Estudo do conceito de co-educação
17/05 – Movimentos sociais
24/05 – Construção identitária da mulher na religião e psiquiatria
31/05 – Literatura Feminina
14/06 – Violência contra a mulher
21/06 – Sessão de filme e fechamento do semestre

1º reunião – Olá, a todxs!



Primeira reunião do grupo de estudos feministas Gilka Machado!

Nós, meninas estudantes da E.M.E.F. Antenor Nascentes, nos reunimos hoje para iniciarmos nossos estudos sobre feminismo.

Começamos nos apresentando, conhecendo melhor uma e outra, interesses, expectativas, desejos e o que esperamos de nossas reuniões. Foi um momento lindo!

Em seguida, confeccionamos pulseiras roxas para simbolizar nosso compromisso e união – e cada uma fez a pulseirinha para outra, porque queremos ser solidárias e amigas nos mínimos detalhes.

Fizemos a leitura do texto “Meu Feminismo Não é Pra Mim” da Lola Aronovich e nos abraçamos. Somos meninas, mulheres, pessoas que acreditam num mundo melhor e mais justo. Até a próxima!



2º reunião – Nós não somos princesas, somos guerreiras!



Segunda reunião do grupo de estudos feministas Gilka Machado!

Reunimos-nos hoje novamente para estudarmos a questão das mulheres com base nos contos de fadas. E como são machistas (de uma forma oculta)! Para nos aprofundarmos sobre isso, lemos o texto de Regina Navarro, chamado "Abaixo os contos de fadas!"

Complementando esse assunto, falamos sobre festas de 15 anos e nos deparamos com a surpresa de todos pelo fato de como as mulheres são discriminadas e sofrem preconceito hoje em dia na pequenas coisas!

Logo após falamos sobre como a sociedade quer fazer com que nós, mulheres sejamos inimigas uma das outras retirando-nos o direito de sermos unidas, e podermos lutar por uma igualdade entre homens e mulheres.

No final, nos abraçamos para selar uma amizade, e sermos um exemplo de igualdade, porque lutamos por um mundo melhor!

Por Milena Afonso



3º reunião – Novas companheiras, novas expectativas...



Reunimo-nos novamente para a terceira reunião do grupo feminista. Tivemos a presença de novas companheiras que estarão conosco durante o ano e esclarecemos tudo sobre o grupo. Conversamos muito, trocamos idéias e dividimos nossos conhecimentos umas com as outras.

Estudamos também o texto “Linguagem Sexista: algumas notas” de Teresa Meana Suárez e falamos sobre a questão da invisibilidade que a linguagem “neutra” impõe as mulheres.

Com a abertura do projeto da escola cujo tema será ‘Cidadania e Meio Ambiente’, estudamos os poemas ‘Ser mulher’ de Gilka Machado para apresentarmos durante nosso primeiro contato com todos alunos da escola. Expormos nosso projeto feminista baseado em uma verdadeira igualdade de gêneros.

Com o grupo crescendo cada vez mais, podemos ver como nós mulheres, unidas, lutando pelo mesmo direito, somos mais forte que qualquer machista em ação ao nosso redor.

[VÍDEO APRESENTAÇÃO PROJETO PEDAGÓGICO ESCOLAR]

4º reunião – Mulher não é mercadoria!



A reunião de hoje foi sobre como a mídia trabalha a imagem da mulher e como a sociedade entende essa exposição. Analisamos revistas, jornais e suplementos literários e percebemos que a mulher é sempre abordada de maneira estereotipada, ligada somente a conceitos de beleza, cuidados domésticos e maternos e submissa.

Fizemos um trabalho de colagem: recortamos as imagens que mais nos chamou a atenção nesse material e fizemos cartazes para serem espalhados pela escola.

Enquanto trabalhávamos, ouvimos música produzida por mulheres como Na Ozzetti, Chiquinha Gonzaga, Nina Simone, Iara Rennó, Elis Regina, Céu, Maria Bethânia, As Chicas, Atitude Feminina, etc.

Pudemos conversar bastante sobre o que a mídia espera e impõe a mulher – e como esses padrões de conduta pré-determinados geram machismo, discriminação e sexismo.



[VÍDEO COLAGEM EM CARTAZES FEMINISTAS]

5º reunião – Mais uma reunião firme e forte!



Desta vez assistimos ao documentário “Mulher e Mídia” que mostra como a mídia constrói a imagem da mulher e faz com que a sociedade nos veja de uma forma extraordinariamente inadequada.

Para seus grandes lucros, exhibe a imagem da mulher como objeto! Apenas o corpo para que com isso os consumidores (masculinos, principalmente) se interessem em fazer a compra do produto, com a mensagem (nada) subliminar de que a mulher vem de brinde.

Mostram-nos também em grandes comerciais de produtos de limpeza, repassando para o público que servimos apenas para trabalhos domésticos.

Mulheres negras na mídia? Não! Colocam duas ou três negras em novelas, programas e já está de bom tamanho, está tudo certo... Mas disso não tem nada de certo! A mulher negra deve ser reconhecida em toda a sua particularidade, merecedoras de respeito e cidadania!

Mostram o homem sempre como o superior, trabalhador, o inteligente! E isso faz com que o público faça disso uma ‘verdade’. Mas a verdade é que a mídia não está nem um pouco preocupada com a nossa imagem...! Preocupado com os lucros e a opressão, e isso basta. Mas não bastará!

Fizemos também pequenos bonecos simbólicos de vudu com cartolina e isopor, onde escrevemos neles tudo o que há de ruim no mundo, toda maldade que há nas pessoas, para que tudo isso acabe de uma vez por todas! Abaixo o machismo!

Por Stefany Mirely



[VÍDEO O CONTROLE SOCIAL DA IMAGEM DA MULHER NA MÍDIA]

6º reunião – Co-educação já!



O tema da reunião de hoje foi educação para a igualdade. Conversamos sobre como a escola reproduz os estereótipos da sociedade, segregando meninos e meninas desde o primeiro ano de ensino. Percebemos que por mais que aparentemente os gêneros se misturem, a realidade ainda é que meninos e meninas não têm os mesmos direitos – o espaço físico, sonoro e ideológico da escola é voltado prioritariamente para os meninos.

Como base para nossa discussão, lemos trechos do livro “Educar meninas e meninos” de Daniela Aued, professora da Universidade Federal de São Paulo. Percebemos as pequenas e grandes diferenças que tornam a escola um instrumento de perpetuação das desigualdades entre os gêneros.

Afinal, por que os meninos “podem” ser mais bagunceiros? Por que as meninas “devem” ser ótimas alunas, ter uma letra perfeita e ser ajudantes dxs professorxs? Enfim, o que professores, funcionários e dirigentes esperam de cada gênero?

Refletimos sobre as práticas educativas de nossa escola e decidimos colocar em prática algumas ações que visem a igualdade: a começar pela quadra esportiva!

7º reunião

Mulheres unidas mudam o mundo!



O tema da reunião de hoje foi o papel dos movimentos organizados para a libertação das mulheres. Assistimos aos documentários “Mulheres Invisíveis” e alguns outros sobre movimentos feministas como a Marcha Mundial das Mulheres, União Brasileira de Mulheres e outros internacionais. Comentamos também sobre diversos outros movimentos como a “Marcha das Margaridas”, “Coletivo Dandara”, “Jovens Feministas”, “Blogueiras Feministas”, etc. Vimos como as mulheres organizadas mudam o mundo...

Sobre a questão da divisão doméstica do trabalho, vimos que as mulheres continuam sendo as responsáveis pelos cuidados da casa e dos filhos, acumulando dupla jornada de trabalho. As mulheres trabalham 30 horas a mais por semana do que os homens. No capitalismo patriarcal, não é considerado um trabalho, como se as mulheres cuidassem da casa apenas por amor a família.

No mercado de trabalho, as mulheres recebem um salário menor que o dos homens mesmo ocupando a mesma função. Sofrem muito preconceito ainda, pelo simples fato de ser mulher e faz também com que os homens ocupem os cargos de chefia.

Os movimentos sociais são a representação de que somos forte o bastante para lutarmos juntas, unidas lutando pelo mesmo direito de trabalho, respeito, direito de voz, cidadania e igualdade. E enquanto isso não for mudado, ‘seguiremos em marcha até que todas sejamos livres’.



[VÍDEO DOCUMENTÁRIO MULHERES INVISÍVEIS]

8º reunião

Religião, Psiquiatria e quadra de esportes – queremos o nosso espaço!



Conversamos hoje sobre dois temas beeeem complexos: religião e psiquiatria. Cada uma de nós pesquisamos como a imagem da mulher é vista por diversas religiões e como a psiquiatria reafirma determinados paradigmas preconceituosos.

A conversa girou em torno de três religiões: a Igreja Católica, Evangélica e Umbanda. Cada uma tem uma visão bem diferente sobre a mulher, algumas bem preconceituosas, outras bem emancipadoras. Do ponto de vista psiquiátrico, a mulher também não é bem vista... Sempre cheia de doenças a serem tratadas, problemas psicológicos graves só pelo fato de sermos mulheres...

Além do mais, conversamos sobre o campeonato feminino de futebol que organizaremos e sobre a divisão dos espaços físicos na escola: chega de meninos ocuparem a escola toda!

E também já estamos trocando ideias sobre o documentário que começaremos a produzir... :)

9º reunião
Literatura feminina, bolo e abraços...



A reunião de hoje foi uma festa. A melhor festa de aniversário que já tive em toda a minha vida. A realização dos meus sonhos, a realidade transformada, o carinho conquistado, a segurança adquirida.

Minhas alunas queridas e eu comemoramos meus 24 anos e, muito maior do que isso, nossas vitórias rumo a um mundo melhor. Sim, nós acreditamos num mundo melhor – mais humano, solidário e igualitário.

Começamos lendo poemas e poesias das lindas mulheres que cheias de garra e perseverança atravessaram o infinito com suas palavras, poemas, ideias, sentimentos, medos e felicidades... Vozes que vieram antes de nós e quem sem elas, não poderíamos conquistar as nossas...

Obrigada, minhas alunas queridas! Vocês me dão força para seguir em frente, me dão o carinho e a sabedoria pura que só meninas-mulheres como vocês podem emanar.

Eu amo demais todas vocês! :)



*Mil fragmentos somos, em
jogo misterioso,
aproximamo-nos e afastamo-
nos, eternamente,
— Como me poderão
encontrar?
[...]E por entre as
circunstâncias fluímos,
leves e livres como a cascata
pelas pedras.
— Que mortal nos poderia
prender?*

Cecília Meireles

10º reunião

Violência sexual e doméstica

O encontro de hoje foi para tratar de um assunto muito sério e desagradável: a violência sexual e os discursos que ratificam essa prática abominável.

Iniciamos debatendo sobre os motivos de um homem se sentir no direito de cometer esse crime, como a sociedade encara essa violência de maneira muito benevolente pois a culpa acaba recaindo sobre a mulher, como todos acabam ensinando as meninas que elas devem se cobrir e temer – e não ensinam os homens que eles devem respeitar as mulheres.

Conversamos também sobre as barbaridades faladas pelo comediante Rafael Bastos, onde este referiu-se a um estupro como um homem merecedor de um abraço por ter feito um “favor” a mulheres feias... Nós, mulheres e meninas, ficamos indignadas com o fato de a mídia e a sociedade tratar esse assunto tão sério de maneira tão banal. Estupro virou piada e ninguém faz nada.

Há uma clara apologia a esse crime bárbaro camuflado de piada. É um completo absurdo. E a melhor prevenção para a efetiva modificação desses discursos violentos e machistas é a informação: uma educação feminista e libertária.

11º reunião

Mulheres do passado, mulheres do presente: Frida Khalo

Como parte da formação de qualquer ser humano, o cinema desempenha um papel único: representar a realidade para nos lembrar as pessoas formidáveis que passaram pela vida. E sem dúvida nenhuma a pintora mexicana Frida Khalo é uma delas.

A reunião de hoje foi emocionante, permeada de grandes emoções ao reviver a trajetória contudente e avassaladora dessa grande mulher.

E mais do que isso, hoje foi o fechamento da primeira fase do projeto que trouxe a maior alegria para o meu coração. Um dia muito frio, com clima de despedida, fechou o primeiro ciclo dos muitos que ainda frutificarão na jornada dessas pequenas tão grandes.

DEPOIMENTOS DAS ALUNAS

Quando comecei a estudar sobre gêneros não sabia que iria me entreter e me envolver tanto. O grupo vem nos dando curiosidades sobre tudo ao nosso redor, a cada uma de nós. Estamos crescendo cada vez mais e, nós, do Gilka Machado, tornamo-nos mais amigas e confidentes.

O grupo está, de certa forma, nos abrindo portas para o conhecimento em um mundo sem princesas, contos de fadas e um rei que venha nos buscar de cavalo branco. Não é porque estamos nos tornando independentes que somos frias, Maria-machos e tudo isso que nossa sociedade impõe, pelo contrário, estamos nos tornando realistas, fortes, guerreiras, sábias.

Desculpa, sociedade, se não estamos nos tornando pessoas sem conhecimentos como todos gostariam que nós fôssemos, mas não vamos seguir esse padrão preconceituoso e machista, vamos fazer a diferença.

Milena Affonso dos Santos – 7º série C (2011)

No grupo de feminismo eu aprendi que a igualdade entre homens e mulheres é uma coisa muito distante e o que falam de igualdade no trabalho, na escola e em outros ambientes é apenas uma ilusão pois sabemos que mulheres ainda são usadas como objetos e mercadoria.

Um dos aspectos sobre as mulheres é que na mídia ela é tratada como a perfeição em pessoa, que ela não tem nenhum defeito e que sempre é muito bonita, e geralmente burra, o seu corpo é usado como meio para vender produtos de beleza, em comerciais de cerveja e em revistas voltadas para homens, sendo que para elas é a coisa mais normal do mundo, pois estão sendo “apreciadas” pelos homens.

Mas se pararmos pra pensar, eles estão nos vendo como um grande e bonito pedaço de “carne”, dividido em seios, bunda e outras partes. Por isso temos que nos unir para acabar com o machismo na nossa sociedade.

Andresa A. de Oliveira – 8º série A (2011)

Eu, Yasmin, entrei no terceiro dia mas posso dizer que gostei e gosto muito. Achei que era chato, mas finalmente encontrei alguma coisa que me solte, mas tenho que falar que eu não tinha lugar pra desabafar e ficar leve e também com pessoas que posso confiar.

Eu ficava sozinha e isolada. Mas graças a professora Juliana eu tenho agora um lugar ótimo para eu desabafar, ver filmes, conselhos e as fofocas são muito boas!

Vale a pena ser feminista e ir atrás dos meus direitos de igualdade social, chega de machismo eu não quero isso. Agradeço você, professora, mais uma vez por me tirar desse mundo machista.

Yasmin P. Vieira – 7º série D (2011)

O grupo de estudos de gêneros Gilka Machado me abriu os olhos para o mundo, fazendo com que eu prestasse mais atenção de como a mulher é vista na sociedade.

Com esse grupo eu aprendi e espero aprender mais coisas que me ajudem a me tornar uma mulher feliz. Ela me ensinou que as mulheres devem ser mais unidas, defender e lutar para que tenha direitos iguais para os dois sexos.

Espero que tudo isso que eu esteja aprendendo faça com que eu ajude outras pessoas a se tornarem melhores para o mundo e que eu me torne uma boa mulher para a sociedade.

Kelly Fonseca de França – 7º série B (2011)

Nós, mulheres, não queremos ser mais que os homens, apenas queremos ter direitos iguais.

A mulher é vista como frágil, e por isso todos acham que o lugar dela é em casa, cuidando dos filhos, arrumando as coisas, lavando, passando, cozinhando etc. E acham que quem tem que sustentar a casa trabalhando fora é o homem. Acham que a mulher só vive as custas do homem, e que nós precisamos deles para tudo, inclusive para ser feliz.

Muitos homens nos tratam como objetos. Exemplo: o cara vai para a balada, fica com algumas mulheres e depois chega para os amigos dizendo: “Catei 4 ontem”, como se nós fôssemos algo que eles usam e depois jogam fora.

A mídia também nos trata como objetos. Estão sempre passando a ideia de que a mulher tem que estar sempre arrumadinha, de que a mulher tem que ser magra, não pode ter celulite, estrias, tem que andar de salto alto, sempre com as unhas feitas, o cabelo para ser bonito tem que ser liso, enfim, tudo isso para agradar os homens.

Muitas mulheres são violentadas e não fazem nada com medo de que o homem faça algo pior, mas devemos lembrar que é importante termos atitude e denunciar homens assim, antes que isso se torne uma agressão física ou até mesmo a morte. Se um cara chega pra você e te xinga ou te ameaça, também é uma agressão, e enquanto o tempo passa e você não faz nada isso vai se tornando cada vez pior, é por isso que hoje muitas mulheres morrem violentadas.

Devemos mostrar ao mundo que não somos princesinhas que esperam seu príncipe encantado para ser feliz para sempre, devemos mostrar que somos guerreiras, e estamos aqui para lutar por direitos iguais. E que o caráter e a inteligência valem muito mais do que a beleza.

Não nascemos para ser saco de pancadas dos homens, ficar presas em casa cuidando de filhos, para ser capa de revista fazendo propaganda de que a mulher tem que ser magrinha e sempre bela. E sim para crescermos na vida, ser uma pessoa de respeito, conquistar nossos direitos, e principalmente mostrar que usamos o cérebro para conquistar as coisas em vez de usar o corpo.

Merecemos todos os direitos que os homens têm e infelizmente isso não é reconhecido, mas aos poucos iremos mostrar isso a todos.

Franciele Araújo dos Santos – 8º série D (2011)

O presente que ganhei

Juliana Delmonte da Silva

Nasci professora, tornei-me educadora. Das brincadeiras infantis e lousas improvisadas ao convívio com a vida. A vida sofrida dos abusos e os sorrisos sinceros de gratidão e carinho.

Sem dúvida nenhuma, ser professora é mais do que minha profissão – é missão querida desempenhada com completude. Na corda bamba das incertezas, peço todo dia a garra dos deuses e a humildade dos simples de coração.

Iniciar esse projeto sobre estudos de gêneros surgiu diante da minha indignação frente às desigualdades violentas pelas quais minhas alunas passam diariamente. A intenção foi criar um espaço onde meninas pudessem debater sobre assuntos particulares com segurança para que conseguissem lidar com as injustiças do cotidiano.

Diversos momentos marcaram nossa existência – o início de uma jornada espinhosa, porém munidas da coragem que conquistamos juntas, de braços dados, unidas na dor e na delícia de construirmos uma identidade.

Coloco-me ao lado dessas meninas de treze e quatorze anos porque também vivi um grande momento de descoberta: este que me mostra o lado mais human@ de tod@s nós. Porque foi na constante reavaliação de valores, coragem para modificar séculos de falsas verdades, persistência na missão de ser fiel aos próprios valores e muito, muito amor no coração que pude vislumbrar a magnitude da educação reflexiva. São espelhos que refletem a liberdade – direito incontestado de todas nós.

Cada uma das vinte e cinco meninas que participaram da primeira fase desse projeto levaram algo para seus iniciais passos na vida. Cada uma dona de uma personalidade única e, por isso mesmo, fascinante. Meninas-mulheres que anunciam o rompimento dessa fábrica de bonecas infláveis, submissas – enfim, excluídas. Não mais!

PLANEJAMENTO DE REUNIÕES 2º SEMESTRE 2011

ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

Grupo de Estudos de Gênero Gilka Machado

1. Apresentação;
2. Contos de fadas e linguagem sexista;
3. A inalcançável busca pela beleza e a imagem da mulher nos meios de comunicação;
4. Organizações feministas;
5. Literatura feminina;
6. Divisão doméstica do trabalho;
7. A mulher negra;
8. Violência Doméstica e Lei Maria da Penha;
9. Depoimento Professora Juliana;
10. Encerramento.